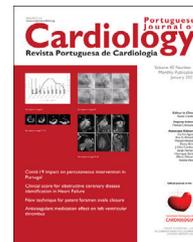




Revista Portuguesa de
Cardiologia
 Portuguese Journal of **Cardiology**
www.revportcardiol.org



IN MEMORIAM

Fernando de Pádua, a inteligência natural

Nos últimos tempos, dou por mim a refletir sobre o meu percurso como médico e qual o futuro da Medicina. A inteligência artificial, que está aí à nossa porta, talvez possibilite a curto prazo decisões mais racionais, de acordo com uma medicina de precisão, baseada na evidência científica atualizada de forma constante e imediata.

Muitos de nós tememos poder ser substituídos por uma alternativa mecânica que não erra, (falhar é humano), que não se cansa (adeus *burnout*) e que tem no seu «cérebro» toda a sabedoria acumulada pela humanidade.

O que nos restará a nós médicos de carne e osso, para contrariar este desafio enorme? O bom senso? A empatia? A comunicação? Como inspiração na procura de respostas, pensei no exemplo de um dos mestres que me ajudou a formar como médico.

Acompanhei o Professor Pádua na parte final da sua carreira, quando se preparava para jubilar e dedicar-se «apenas» ao Instituto Nacional de Cardiologia Preventiva, à Fundação com o seu nome e aos doentes do consultório. O Milan Kundera diz que «os velhos senhores se reconhecem pelo hábito que têm de se gabar dos sofrimentos passados e de os transformarem num museu para o qual convidam visitantes». Mas o Prof. não era assim; ele não se acomodava.

Olhava sempre para o futuro. Manteve sempre a curiosidade, o desassossego, que o fez abraçar projetos como a Faculdade, a Sociedade e Fundação Portuguesa de Cardiologia, o CINDI ou as campanhas de Almodôvar. Tudo era importante, todas as ocasiões eram boas para informar as pessoas, para agir no terreno. Dizia o Prof. João Lobo Antunes sobre o Prof.: «um dos traços do seu carácter foi sempre o não conter fratura entre o que diz e o que pratica».

Impressionava a sua ligação aos doentes, com longas conversas no consultório, muitas vezes sobre temas como o casamento de um familiar ou sobre o estado do país. À ficha do doente uniam-se, com fita-cola parcimoniosamente usada, postais enviados pelos doentes ao Prof. desde o local de férias grandes ou na altura do Natal. Na ficha existiam sempre notas sobre o clube de eleição ou o nascimento próximo de um neto. Essas notas serviam de elo, criando um vínculo de afeto e respeito que fazia que médico e doente de mantivessem juntos durante décadas. No diálogo criava-se cumplicidade, partilhava-se informação com palavras que todos entendiam. E com isso vinha o compromisso do doente melhorando a adesão a estilos de vida e à medicação.

Citando o Professor: «se o saber já habitualmente não ocupa lugar, no caso do coração até pode ajudar. Há tanta coisa que depende de nós próprios, em termos de prevenção e mesmo de apoio ao tratamento que certo nível de conhecimento pode não só facilitar o entendimento dos conselhos médicos como pode ajudar e muito, a evitar adoecer.» Costumava dizer que «a saúde é demasiado importante para ficar apenas sob a mão dos médicos». A importância da literacia na saúde reconhecida com cinquenta anos de antecendência...

Mas se a comunicação na consulta era importante, isso não chegava. Para ser eficaz a escala tinha de ser maior. A partir da década de 70, numa sociedade ainda muito conservadora, iletrada e pobre, ver um Professor da Faculdade sair dos frios corredores de Santa Maria para falar sobre saúde e ouvir os problemas das pessoas, era uma autêntica revolução. Era preciso informar o mundo!

E que melhor do que fazê-lo em horário nobre na televisão. Ou, já octogenário, criando um blogue para alertar o

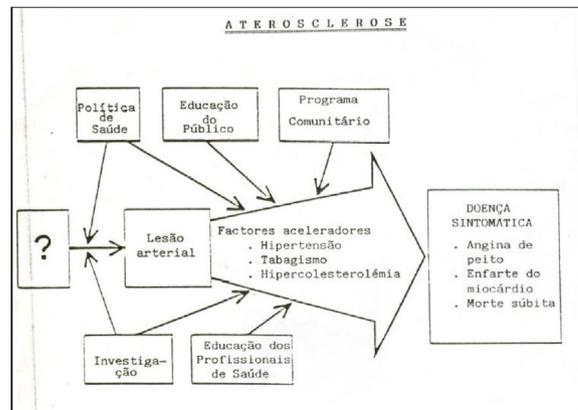
mundo em geral, divulgando as boas práticas de saúde. Sempre com imagens de marca que o tornavam imediatamente reconhecido, como o lacinho ou o seu xi-coração com que finalizava os seus bilhetinhos com recados, a forma que o Prof. descobriu antecedendo o e-mail.

A importância da prevenção, da literacia e da comunicação, envolvendo os doentes no processo, fizeram do Prof. Pádua um pioneiro na cardiologia e na medicina preventiva. Mas era a sua afetividade, a empatia e a forma como comunicava que o tornava ímpar como médico. E serão essas qualidades, acredito, a razão pelo qual o ser humano será sempre superior a qualquer máquina.

«Quando se sentarem ao pé de um doente agarrem-lhe a mão: com isso palpam o pulso enquanto falam com ele, estão sentindo a sua força, tensão arterial e ritmo, mas, talvez mais importante, estão a dar-lhe a mão, estão a estabelecer uma corrente afetiva e o doente sente que estão com ele, as mãos transmitem ao doente a vossa força.» Com conselhos assim, a medicina transcende-se e ajuda mais do que qualquer aplicação informática. . .

Como não ter orgulho de um Mestre assim?

Legenda: esquema da doença aterosclerótica adotado pelo Prof Pádua desde os anos oitenta



Francisco Araújo
 Coordenador do Departamento de Medicina do Hospital
 Lusíadas de Lisboa, Presidente eleito da Sociedade
 Portuguesa de Aterosclerose
 Correo electrónico: francisco.araujo@hbeatrizangelo.pt